Os vivos(?) E os mortos [fragmento]

Fernando Monteiroⁱ

Siamo tutti in pericolo

[Estamos todos em perigo]

-- PIER PAOLO PASOLINI, em entrevista a Furio Colombo,
um dia antes de ser brutalmente trucidado em 2 de novembro
de 1975, na periferia romana (praia de Ostia).

O que aconteceu conosco?...

Foi por *nós*,
por esta gente assustada,
por este país doente
que assim *desapareceram*
tantos & tantos "desaparecidos"
durante os anos que mataram
o Brasil também a golpes
e golpes?

Se foi (oh, o sangue não seca,
não seca nos olhos)
nós não merecíamos

[de modo nenhum]
essas jovens vidas sacrificadas,
nós não remanescemos à altura
desses mortos com selvageria
à solta,
às vezes numa só sessão
detrás da porta de um quarto
fechado sobre suor,
urina,
fezes
e plasma.

*Este poema pergunta
e tenta responder (ao mesmo tempo)
daquela forma de Pier Paolo Pasolini,
o Cristo do Século XX.*

Eu tento ser igualmente direto
e claro no extremo desconforto,
embora não queira ser torturado
e assassinado conforme foi PPP
(aqui no Brasil significa
Pobre Padre Preto como Henrique,
o sacerdote eliminado
no Recife de Dom Hélder,
pela ditadura das casas dos mortos).
Quem foi esse padre?
Não foi ninguém,
para os tempos de Agora.

Neste tempo Indiferente de Hoje,

somos o oposto daquela geração
generosa que terminou na serra sinistra
e noutros "Codões" que ainda restam
ignorados de um modo ou de outro.

Pois o nosso é um tempo de morte
na consciência que se aplaca.

O nosso é um tempo velho
de desmonte
da memória dos mais novos.

O nosso é um tempo (para muitos
jovens)
de ter,
de qualquer modo *ter*
rendimentos compatíveis com a troca
da Realidade pelo Game
em jogos de NETs-nerds.

O nosso tempo...
Por que eu estou reiterando
o já reiterado?
Por que estou escrevendo
este poema que não é um poema (repito)
apenas para que se entenda
que estamos numa época muitíssimo dura,
nesta dobra de dois-zero-dois-
zero de coragem temerária
dos que foram caçados e transpotados
para a Casa da Morte de ânimo exaltado

para o massacre:

"desta casa não sai vivo ninguém
que tenha alimentado a mais vã
esperança" (nas palavras dos
algozes mais tarde medalhados).

O ânimo que resta
quanto a nós, nesta hora,
parece ser de recuo
e recusa de morrer para escapar
de viver apenas e tão somente
por nada
ou quase nada
na espuma dos dias apagados.

O nosso é um campo de mortos,
então.
E nós, oh,
nós estamos "vivos"
porque aqueles que **vivos** estavam
morreram daquele modo
na Casa da Morte
ainda não totalmente fechada.

O ânimo que resta
quanto a nós, nesta hora,
parece ser de recuo
e recusa de morrer
para escapar de viver apenas
e tão somente por nada
ou quase nada

na espuma dos dias apagados.

O nosso é um campo de mortos,
então.

E nós, oh,
nós estamos "vivos"
porque aqueles que **vivos** estavam
morreram daquele modo
na Casa da Morte
ainda não totalmente fechada.

Então, isso quer dizer que
"estamos todos em perigo",
Pier Paolo,
neste momento do vírus
que nos transforma,
coroa de febre sobre a indiferença
de morte na hora crepuscular
do humano que nos torna
talvez menores do que já fomos
no silêncio dos moradores vizinhos
da Casa que continua de pé.

(...)

ⁱ Nasceu no Recife, em 1949. Escritor, poeta e cineasta, estreou com o poema longo *Memória do Mar Sublevado* (Editora Universitária, UFPE, 1973). É autor do premiado *Aspades, Ets Etc*, lançado em 1997, pela portuguesa Campo das Letras Editora, romance a que se seguiu *A Cabeça no Fundo do Entulho*, distinguido com o primeiro Prêmio Bravo! de Literatura, em 1998. Vieram, nos anos seguintes, *A Múmia do Rosto Dourado do Rio de Janeiro* (2001) e *Armada América* (2003), pela W11 Editora, SP, *O Grau Graumann* pela Editora Record e *As Confissões de Lúcio* pela Francis Editora. Como poeta, conquistou o Prêmio Nacional de Poesia da UBE/RJ, com *Ecométrica*, em 1984, e retornou ao poema longo em *Vi uma foto de Anna Akhmátova*, seguido de *Mattinata* (2012), coedição das Edições Nephelibata (SC) com a Sol Negro, editora de Natal que lançará, proximamente, o novo poema longo de Monteiro: *Os Vivos(?) e os Mortos*, do qual esta Revista apresenta, em primeira mão, o presente fragmento.